



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

Encontro com o Selvagem

Helio Eduardo Silva de Moura – FAETEC (Campus Niterói) e ELAC IEF (UFF) /
PPGEDU-PFDS (UERJ-SG)

O termo “selvagem” do título pode remeter a múltiplas interpretações própria de um título que tenta dar conta de uma temática em discussão. O selvagem pode ser compreendido, entre outras coisas, como o contrário de domesticado. O trabalho de dois professores de educação física e estudantes apaixonados pelo circo que se dispõem a olhar a prática corporal circense para além do preconceito e tentar estabelecer um diálogo que fomenta uma formação intensiva e criativa. Com uma visão que percorre três fase do encontro é uma proposta de pesquisa que mergulhada no cotidiano escolar tenta assumir dificuldades e avanços implicados com a vida da escola. Apresentando uma dinâmica que inclui tanto um campo filosófico quanto uma problemática antropológica para restabelecer e confirmar um vigor da experimentação pedagógica não só no âmbito da escola como uma proposta em construção de uma educação física escolar cada vez mais comprometida com a resistência a formas autoritárias de trabalhar os corpos. A dinâmica conflito-diálogo é, sobretudo, com posturas de distintas percepções do trabalho que tentam mutuamente fazer valer o contínuo fluxo que se expande por revigorar seus participantes.

Palavras-chave: Perspectivismo; Selvagem; Circense; Educação Física.

Assim como Eduardo Viveiros de Castro (2009) lançou mão do perspectivismo ameríndio para redimensionar o vigor de sua área de estudo na Antropologia invertendo o termo “selvagem” para algo que deveríamos compreender como potente e constituinte de uma proposta descolonizadora do pensamento crítico, quero operar um deslocamento do perspectivismo. Entendo que o momento histórico que vivemos exige novas ferramentas para propor novos entendimentos sobre a questão corporal e seu vigor na educação física escolar. Redimensionando o encontro no picadeiro da Escola Nacional de Circo (ENC) onde a multiplicidade e simultaneidade de práticas corporais provocaram em mim um estranhamento familiar que mudou a perspectiva do meu fazer pedagógico.

O termo “estranhamento familiar” traduz aquele encontro do que virtualmente se apresentava como uma recondução para uma educação física escolar selvagem, ou como



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

queiram, uma educação física escolar menor como o deslocamento deleuzo guattariana que Sílvio Gallo (2003) desenvolveu. A visão do múltiplo do acontecer circo no espaço de aprendizagem da ENC provocou. Um perspectivismo (circense) implicado com uma intensidade afirmativa que dispensa motivação outra se não construir uma estética que inclui movimentos fora da lógica científica oitocentista sem ser um lugar de crença e/ou da banalização do cuidado. Assim como, poderá contribuir para redimensionar os valores da Cultura Corporal¹ na educação física escolar no século XXI.

Outra entrada a partir do encontro com o “selvagem” está relacionada a metamorfose do pesquisador em nativo\etnográfico (Peirano, 2014) como aquele que provocado pelo abandono do lugar de investigador separado daquilo que investiga em três possibilidade. O primeiro olhar como uma provocação feita naquele mesmo picadeiro da ENC quando observando estudantes da escola iniciando os trabalhos ouço a seguinte frase: “Não é à toa que eles se machucam tanto. Todos têm parafusos e\ou fraturas espalhadas pelo corpo. Alguns até têm que abandonar o curso”. Com um olhar de julgamento a partir da suposta falta de cuidado e de conhecimento científico daqueles “selvagens”, numa tentativa de retomada o discurso retificador da ginástica oitocentista (Soares, 2005) para afirmar nossa identidade colonizadora. Embora não seja minha aquela frase, ela me diz respeito, ao menos, na formação.

O segundo olhar é o desejo de me tornar um circense. Não que seja impossível ou pouco verossímil, já que há grupos de pesquisa como Circus da UNICAMP² explicitando justamente o contrário. Tornar-me circense como apagamento do toda a minha história, era a visão. Aqui quero fazer um parêntese, com parentesco afirmativo, apagamento como produto do deslumbramento de um antropólogo que saindo de um mergulho de uma aldeia

¹ O conceito de Cultura Corporal está implicado na construção de uma educação física escolar pós ditadura militar-civil de 1964 no processo de redemocratização cujo principal alvo era combater a aptidão física.

² O Grupo CIRCUS é grupo de pesquisa em artes circenses que produz tanto na interface educação física e circo quanto tem o reconhecimento das famílias dos circos tradicionais e em muitos outros ambientes circenses nacionais e internacionais. Provavelmente é o grupo de pesquisa mais importante de artes circenses no Brasil.



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS/TEMPOS EDUCATIVOS

indígena sente seu lugar de origem pouco original. Um olhar mergulhado que não pode mais observar impunemente o mais singelo fazer (escolar) cotidiano sem enxergar suas impossibilidades.

O terceiro olhar foi a chegada da professora de educação física, que chamarei aqui de Elisa, na sala de ginástica³. O tal olhar pode ser resumido na frase: todos somos circenses, exceto quem não é⁴. Elisa tem formação em acrobacia aérea por uma experimentação pessoal pós-formação em nossa área. Deixarei temporariamente as duas perspectivas anteriores para me deter mais nesta última. Retomando as duas mais à frente.

Elisa já praticava tecido acrobático, lira circense e trapézio fixo. Com a impossibilidade de continuar exercendo sua prática pedagógica no ambiente anterior, ela chegou chegando na sala de ginástica. Resumidamente: eu fiquei mais focado na ginástica de solo, slackline e malabarismo; ela no tecido e na lira acrobática. Com a nova configuração do uso da sala houve a necessidade de mapeamento. Elisa ficou com a ginástica circense e eu com a ginástica acrobática. A nomenclatura circense não aparecia nos escritos oficiais, apenas era um enunciado para distinguir das demais ginásticas esportivizadas, a saber, ginástica artística, ginástica rítmica, ginástica acrobática... Embora a nomenclatura anterior fosse a de ginástica artística, o sobrenome circense era uma combinação extraoficial. A emersão do nome “circense” não foi uma proposição meramente do instituinte como o movimento inicial poderia deixar ver. Algo foi deslocado de maior monta!

Se há um olhar de desconfiança da educação física para a compreensão de educação corporal proposta pelos circenses, não posso dizer que olhar contrário não exista. Tomei conhecimento deste “etnocentrismo” quando dos encontros organizados⁵

³ Sala de ginástica é o local onde acontecem as práticas corporais circenses numa escola pública na periferia da cidade de Niterói no estado do Rio de Janeiro desde 2012.

⁴ Parafraseando Eduardo Viveiros de Castro numa entrevista em 2006 ao Instituto Socioambiental de São Paulo para seu núcleo de estudos Povos Indígenas do Brasil. O título desta entrevista ficou sendo a referida frase, que é a seguinte: no Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é.

⁵ Eram os Encontros Internacionais de Circo e Educação Física com debates e apresentações de grupos tradicionais e contemporâneos no final do dia. Num único dia na véspera, quarta-feira, do Carnaval em Campinas nas dependências do Instituto de Educação Física.



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

pelo grupo de pesquisa CIRCUS na Unicamp. Com o tempo fui entendendo que havia várias nuances nesta incompreensão. Uma delas era a tentativa corporativista de defesa de mercado da educação física em impor a formação complementar para os circenses. Por não concordar com esta postura, sempre desconjurei o uso do termo circense, mas não só isso. Numa conversa com um circense, eu entendi que havia um descuido por nossa parte com as apresentações, com as roupas, com a estética corporal circense... Havia um fundo maior ali.

Com a chegada de Elisa o fundo ficou mais fundo e não havia outro jeito se não “encarar o abismo”. A questão que antropólogos colocam de levar a sério a cultura dos povos estudados veio à tona com a emergência da chegada do circense ao nome. A minha formação nas práticas corporais circenses foi uma composição da formação acadêmica – sobretudo na ginástica artística –, da prática da capoeira, e um pouco das práticas que pude conhecer ao longo um pouco mais de um ano de acompanhamento das aulas na Escola Nacional de Circo como observador externo. O que tornou minha prática pedagógica muito ligada a um construtivismo com as/os estudantes que um “conhecimento de especialista”. Os desafios foram nos formando. Elisa participa disso também, porém sua composição com um devir-circense inverteu meu olhar para possibilidade outra de tornar circense na aposta de “torna-te o que tu és” nietzschiana (Nietzsche, 1995).

Aproximando mais o devir-circense trago para conversa outra pensadora da Antropologia e da Educação, a Professora Ana Paula (2023), que pensa com Viveiros de Castro, a temática da tradução *equivoca* como compreensão prévia que um determinado saber ou diálogo entre culturas distintas carrega com isso uma certa “incompreensão” em nome da escuta e não do silenciamento. Da afirmação do diálogo “a partir da diferença de perspectiva” para desconjurar uma univocidade que afirma saberes dominantes, que homogeneízam para controlar. Embora ambos estejam abordando na perspectiva dos estudos antropológicos – ainda que no caso de Ana Paula com questões educacionais – faço um deslocamento para compreensão do encontro-conflito que redimensionou o valor das práticas corporais e da estética circense.



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

Na minha dissertação de Mestrado em Educação⁶ trabalhei a questão das apresentações tomando como referência de uma certa condução dos grupos de treinamentos esportivos – ou artísticos – para consolidação de uma lógica do que irei chamar aqui de retificação corporal ou lógica retificadora. Naquele estudo, destaquei o papel do grupo de apresentação das práticas corporais circenses, a *Trupe*, em resistir à lógica retificadora por afirmar uma certa inadequação ao participar dos eventos reservados no tempo institucional. Ainda durante a escrita da dissertação, a resposta imanente dada a esta análise foi a produção das apresentações nas datas e no âmbito da sala de ginástica como uma necessidade de integrantes da *Trupe* em fazê-lo.

Nos últimos dois anos, a *Trupe* vem sendo provocada a participar dos projetos pedagógicos para além das aberturas dos jogos internos. Esta metamorfose é a resultante da complexa engenharia corporal que o fazer autônomo nas decisões em como, quando e quem irá participar provocou. Neste sentido, a estética circense substituiu a recusa da obrigação em participar identificada na dissertação.

Num diálogo com as visões apresentadas como possibilidade de encontro com o selvagem/circense quero propor uma análise do que chamei de prática corporal circense na chave que Viveiros de Castro pensou “como prática de sentido: como dispositivo autorreferencial de produção de conceitos, de ‘símbolos que representam a si mesmos’”. (2009, 161 de 238). Nessa chave, olhar as práticas corporais circenses como uma cópia piorada da lógica retificadora diz de um lugar do mito para desqualificar um saber que poderíamos comunicar modos outros de produzir nossa prática pedagógica. De outra maneira, elevá-lo a categoria de transcende, quase divinal, é torná-lo paradoxalmente sem efeito. Aprender com as práticas corporais circenses é estar num lugar de fluência no ritmo do acontecimento e experimentação que conduziu até agora os aspectos pedagógico na sala de ginástica. O valor novo vem da importância que as apresentações imprimiram na dinâmica cotidiana de afirmar cuidados e busca de aprendizagem cada vez mais

⁶ Cujo título é *Circo sem lona: por uma pedagogia do risco de acontecer* defendida pelo PPGEDU-PFDS (UERJ-SG) em 2017.



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

implicada com a vida escolar. As apresentações saíram do lugar de subserviência para ditar um maior arrojamento em experimentar.

Sou selvagem por simplesmente não acreditar que possa me tornar outra coisa: só o que sou. Sou selvagem porque o devir é instabilidade e abandono da lógica de controle, de poder. Gosto da ideia de pensar que há um rio que passa por baixo de tudo. Independente, se se vê ou se percebe que essas águas não estão lá onde se pensou... E nós também!

Referências

- GALLO, Sílvio. Deleuze e Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- MOREL, Ana Paula. Um mundo onde caibam muitos mundos: Educação descolonizadora e revolução zapatista. São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2023. Edição do Kindle.
- MOURA, Helio Eduardo Silva de. *Circo sem lona: por uma pedagogia do risco de acontecer*. 129 fls. Dissertação (mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais - Faculdade de Formação de Professores – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Ecce Homo*; tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, coleção Companhia de Bolso, 1995. Edição do Kindle.
- PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014 Etnografia não é método <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832014000200015>.
- SOARES, Carmen Lúcia. *Imagem do corpo na Educação: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- VIVEIROS de CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural* (Portuguese Edition) Ubu Editora, 2009. Edição do Kindle.